

O papel do fotojornalismo na compreensão do gênero textual reportagem¹

Fabio Moreira de Carvalho ⁽²⁾

Data de submissão: 22/11/2019. Data de aprovação: 15/1/2020.

Resumo – Este artigo é um recorte de uma pesquisa qualitativa cujo objetivo foi verificar em que medida o ensino de leitura numa abordagem multimodal, com foco na análise semiótica do fotojornalismo, pode atenuar as dificuldades que estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental apresentavam na compreensão de textos do gênero reportagem. Para tanto, foi elaborado e implementado um Projeto Didático de Gênero construído a partir de princípios desenvolvidos no âmbito da Sociosemiótica – a Multimodalidade e a Gramática do Design Visual – e de preceitos do Interacionismo Sociodiscursivo, como apropriação das capacidades de linguagem. Para fornecer suporte para o desenvolvimento dos módulos deste projeto, foi produzido um material didático que concedeu destaque aos efeitos de sentido que a leitura do fotojornalismo proporciona quando inter-relacionada ao conteúdo linguístico da reportagem. Os resultados obtidos, ainda que parciais, indicam que o ensino de leitura embasado na análise linguístico-semiótica de textos do gênero reportagem contribui significativamente para a ampliação da compreensão leitora dos estudantes.

Palavras-chave: Leitura. Fotojornalismo. Gramática do Design Visual. Multimodalidade. Reportagem.

El papel del fotoperiodismo en la comprensión del género textual reportaje

Resumen – Este artículo es un extracto de una investigación cualitativa cuyo objetivo era verificar hasta qué punto la enseñanza de la lectura en un enfoque multimodal, centrado en el análisis semiótico del fotoperiodismo, puede mitigar las dificultades que los estudiantes de octavo grado de la Enseñanza Básica presentaron en la comprensión de textos de Reportaje de género. Con este fin, se desarrolló e implementó un Proyecto Didático de Género basado en principios desarrollados dentro del alcance de la Semiótica Social – la Multimodalidad y la Gramática del Diseño Visual - y de los preceptos del Interaccionismo Sociodiscursivo, como apropiación de las habilidades del lenguaje. Con el fin de proporcionar apoyo para el desarrollo de los módulos de este proyecto, se produjo material didático que enfatizaba los efectos de significado que la lectura del fotoperiodismo proporciona cuando está relacionado con el contenido lingüístico del informe. Los resultados obtenidos, aunque parciales, indican que la enseñanza de la lectura basada en el análisis lingüístico-semiótico de textos del género reportaje contribuye significativamente al aumento de la comprensión lectora de los estudiantes.

Palabras clave: Lectura. Fotoperiodismo. Gramática del Diseño Visual. Multimodalidad. Reportaje.

Introdução

As considerações relatadas neste artigo destinam-se a ressaltar a importância de compreender que o trabalho com o gênero textual reportagem em sala de aula, na atualidade, precisa ir além do ensino da linguagem verbal, manifestada através da língua.

Na condição de elemento que compõe um produto de consumo (jornal ou revista), a reportagem precisa ser chamativa e objetiva em seu conteúdo. Nesse contexto, a exploração de

¹ Artigo extraído de projeto de pesquisa, aprovado por banca de qualificação do Profletras/UFMG em 26/2/2019, cujos resultados serão apresentados em dissertação prevista para ser defendida em fevereiro/2020.

² Mestrando do programa de pós-graduação “Profletras”, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. *fabiomoreira_bh@hotmail.com

diferentes semioses adquire grande relevância como estratégia de sedução do leitor. O signo visual, representado nas reportagens pelo fotojornalismo, por exemplo, ocupa espaço importante na composição do leiaute das reportagens, tanto digitais quanto impressas. Todavia, essa repaginação creditada, em parte, à evolução das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), é um fenômeno que transcende os aspectos estéticos. Em muitos casos, as mídias optam por dar maior destaque à linguagem visual, uma vez que usar estrategicamente a fotografia jornalística pode ser a solução ideal para manifestar a opinião e, contudo, evitar medidas jurídicas que podem ser ajuizados a partir de posicionamentos verbalizados.

Embora o signo imagético seja uma loquaz forma de comunicação, a supervalorização do estudo linguístico em sala de aula colabora para a ocorrência de situações nas quais a fotografia jornalística, por exemplo, sequer é considerada como parte constitutiva da reportagem, haja vista que é comum ocorrer o redimensionamento ou até mesmo a retirada das imagens nas fotocópias no processo de reconfiguração do texto para a atividade escolar. Quando mantidas, é comum serem reproduzidas em preto e branco em razão do elevado custo da produção do material em cores. Além disso, a leitura em ambiente digital – fato que possibilitaria a análise das fotografias com nitidez – é pouco incentivada devido à falta de laboratórios de informática ou à posição conservadora de alguns docentes mediante a tecnologia.

Nesse contexto, fez-se necessária a aplicação de um projeto de intervenção, destinado a alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola em Belo Horizonte - MG, com vistas a ajudá-los a reconhecer o fotojornalismo como elemento passível de leitura e repleto de significância, cujos sentidos devem ser construídos e relacionados tanto ao conteúdo verbal quanto aos propósitos sociocomunicativos da reportagem.

A base para o ensino de leitura multimodal

Devido às suas características contemporâneas – principalmente a presença de múltiplas semioses em sua constituição –, o objeto de estudo deste trabalho é denominado, na Base Nacional Comum Curricular, “reportagem multissemiótica” (BRASIL, 2017, p. 161). Trata-se de uma excelente ferramenta a ser utilizada em sala de aula, uma vez que carrega a potencialidade de se transformar em uma “ponte entre os conteúdos teóricos dos programas escolares e a realidade” (FARIA, 2009, p. 12). Entretanto, os docentes precisam estar atentos para que as atividades de ensino e aprendizagem desse gênero textual nas aulas de Língua Portuguesa sejam condizentes com a forma que ele se apresenta atualmente.

Bakhtin ([1979] 1997, p. 262) afirma que os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” e, em referência à tal afirmação, Rojo (2015, p. 100) aduz que eles se transformam “historicamente no tempo e são flexíveis para concretizações enunciativas”. Sem dúvida, isso é algo que ocorre com a reportagem atualmente. Nesse mesmo raciocínio, Ribeiro (2016) pondera e levanta algumas questões:

E quantas linguagens há amalgamadas em qualquer jornal e revista, hoje? O que se escolhe dizer com palavras ou com fotos? O que se escolhe deixar subentendido? [...] E quem lê tudo isso? Onde se aprende a ler assim? [...] Ainda há professores de português que descartam fotos, ilustrações, gráficos e outros elementos e apresentam aos alunos apenas o texto verbal de uma reportagem? (RIBEIRO, 20016, p.26)

Essas considerações, pertinentes ao estudo em pauta, evidenciam que, efetivamente, os gêneros do discurso se alteram com o passar do tempo. A presença da fotografia jornalística imbricada a outras semioses – à semelhança do entrelaçamento que ocorre entre os fios de um tecido – produz inter-relações dialógicas que exigem dos sujeitos o desenvolvimento de habilidades que lhes permitam realizar a leitura de imagens e, também, a habilidade de relacioná-las ao conteúdo linguístico. Bakhtin ([1963] 2010, p. 211), embora direcionasse seus estudos no âmbito da Linguística, reconhece que “as relações dialógicas são possíveis entre imagens [...], mas essas relações ultrapassam os limites da metalinguística”. Dessa forma, ainda

que não disponham de meios para explicarem a si mesmas, as imagens, em especial, as fotografias jornalísticas, são dialógicas, razão pela qual têm sido cada vez mais exploradas por jornais e revistas. Em uma reportagem, muitas informações, críticas e/ou opiniões são escolhidas, de forma consciente, para permanecerem no campo do subentendido. Haveria melhor forma de fazer isso do que, motivadamente, usar uma fotografia jornalística sugestiva?

Cumprе ressaltar que, ao longo de 150 anos, o fotojornalismo deslocou-se de uma função meramente ilustrativa para um papel sociocomunicativo relevante, isto é, para uma atribuição social relevante, caracterizada por “reproduzir e/ou fixar pontos de vista que colocam em circulação no meio social, engendrando imaginários sociodiscursivos os quais nos ajudam a olhar para o mundo a partir de determinada perspectiva” (BARCELOS, 2016, p. 324). Essas mudanças impactam a forma como se pratica a leitura e, conseqüentemente, implicam mudanças forçosas nas formas de ensino e aprendizado dos textos, visto que, em tempos atuais, é “impossível interpretar textos com a atenção voltada apenas para língua escrita ou oral” (VIEIRA, 2007, p. 10).

Evidentemente, ensinar os alunos a ler diferentes semioses demanda do educador a compreensão tanto linguística quanto semiótica dos textos. Há diferentes vertentes semióticas, todavia a Sociossemiótica foi escolhida como base teórica para esta pesquisa, principalmente, porque foi no âmbito dessa ciência que surgiu a *Reading images: the grammar of visual design* (GDV), de Kress e van Leeuwen (2006), cujo conteúdo fornece subsídios de ordem pragmática para a análise semiótica do fotojornalismo.

De acordo com Santos (2011, p. 2-3), a Sociossemiótica de Hodge e Kress (1988) se ocupa em estudar o processo relacionado à produção de sentidos que ocorre durante a comunicação humana, destacando-se os seguintes princípios: 1º) coloca-se em pé de igualdade todo o modo semiótico usado na comunicação (visual, sonoro e verbal), e 2º) concebe-se o signo com a propriedade de ser tanto motivado pelos interesses de seu produtor quanto condicionado pelos contextos socioculturais nos quais é empregado. Isso significa que em uma dada situação sociocomunicativa, o produtor de um texto recorrerá à inteira “paisagem semiótica”³, com vistas a produzir os sentidos que almeja e, por sua vez, caberá ao leitor analisar todos os modos presentes no texto considerando, principalmente, “a dimensão social” em que estão inseridos (PEREIRA, 2017, p. 20). Foi a partir de tal premissa que foi formulado o conceito base para a Sociossemiótica: a Multimodalidade.

É relevante destacar que a GDV foi desenvolvida sob o princípio basilar da Sociossemiótica: as escolhas feitas pelos indivíduos no uso da linguagem são sempre motivadas pelo contexto social, cultural e histórico. Nesse sentido, o letramento multimodal, proposto pela GDV, representa uma ferramenta muito eficaz para a análise do fotojornalismo, cuja construção é fortemente motivada pelo contexto sociocomunicativo e temático da reportagem a qual pertence. Cada uma das metafunções da GDV, segundo Gomes (2016, p. 88), relaciona-se a um aspecto da construção de sentidos: a representacional engloba a construção visual dos participantes e/ou objetos em possíveis ações em que estejam envolvidos; a interativa envolve a representação das posições ocupadas não só pelos participantes, mas também por quem os observa; e a composicional se ocupa do valor que será dado aos elementos representados.

Materiais e métodos

Com base em uma abordagem qualitativa, adotamos como procedimento metodológico a pesquisa-ação, a qual, de acordo com Thiollent (2009), caracteriza-se pela indissociabilidade da pesquisa de campo e das ações envolvidas. Sob essa premissa, buscamos investigar, compreender e intervir em uma situação-problema relacionada ao ensino do gênero reportagem nas aulas de Língua Portuguesa, a fim de coletar dados e informações necessárias para

³ “Paisagem semiótica” é uma expressão cunhada no âmbito da Sociossemiótica para se referir às “diversas formas ou modos que ambientam o processo comunicacional” (SANTOS, 2011, p. 3).

fundamentar a pesquisa empreendida, aprofundar na compreensão da temática “Respeito à diversidade” e verificar a eficácia da ação proposta.

O Projeto Didático de Gênero

Como suporte à condução do processo interventivo, foi elaborado um Projeto Didático de Gênero (PDG) – conforme descrito por Guimarães e Kersch (2015) – com o intuito de correlacionar o ensino em uma perspectiva multimodal, com foco na análise do fotojornalismo, à demanda escolar por uma campanha de combate ao desrespeito e ao *bullying* entre os estudantes. Nesse sentido, apresentamos aos alunos a proposta de ler e produzir reportagens – as quais seriam, posteriormente, divulgadas no blog e no jornal da escola –, cujas temáticas relacionavam-se à promoção do “Respeito à diversidade”. Isso tornava possível atender à demanda na medida em que as reportagens selecionadas oportunizavam o debate e a reflexão sobre o tema, apontado pela Agenda ONU 2030⁴ como necessidade mundial.

O PDG é derivado dos conceitos de outras duas metodologias: as Sequências Didáticas (SDs) e os Projetos de Letramentos. Em relação às SDs – desenvolvidas no âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo por Dolz e Schneuwly (2004) –, é incorporada a ênfase dada ao ensino do gênero textual a partir das “capacidades da linguagem”, as quais se subdividem em: capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-discursivas. No que concerne aos Projetos de Letramento, o PDG integra a ênfase dada a se conceber o ensino do gênero no âmbito de uma prática social “que se origina de um interesse real na vida dos alunos” (KLEIMAN, 2000, p. 238).

Assim, a partir de reportagens selecionadas sobre a temática abordada no PDG, foram produzidos o material didático impresso (compilado em uma apostila de 91 páginas) e o material digital (produzido no *Google Docs*). Em ambos os formatos, os alunos podiam ter acesso a textos autênticos, em cores, e aos exercícios construídos a partir da transposição didática de categorias analíticas da Gramática do Design Visual e de princípios da Multimodalidade. Ademais, ao propor a leitura, a apostila apresentava a reportagem reproduzida fielmente, como em seu suporte original, assim como o *QR code*, um dispositivo que permite acesso instantâneo, por meio de celular, ao endereço eletrônico cujo conteúdo estava depositado. Esses procedimentos foram motivados pela intenção de destacar aquilo que, em outras ocasiões, fora desconsiderado: o papel do fotojornalismo na compreensão de reportagens multissemióticas.

A ênfase do PDG durante o desenvolvimento das oficinas foi, dessa forma, direcionada ao ensino de leitura multimodal, explorando os recursos visuais (leiaute, cores e fotojornalismo) como possibilidades para ativar o conhecimento prévio do aluno, identificar a perspectiva da abordagem enunciativa da reportagem, levantar hipóteses sobre o assunto e estabelecer objetivos a partir da necessidade de confirmá-las ou não durante ou após a leitura.

Resultados e Discussões

Entre os objetivos da pesquisa interventiva, a produção de material didático que atendesse às necessidades da intervenção proposta foi o que demandou maior esforço, uma vez que os estudos semióticos aplicados à Educação ainda são incipientes, resultando na necessidade da transposição didática de propostas que envolvam o ensino de leitura de imagens. Desse material produzido, selecionamos algumas atividades, aplicadas em 3 (três) oficinas diferentes do projeto, as quais exemplificam como foi realizada a transposição didática dos preceitos da Sociossemiótica para as atividades de leitura, com destaque para a análise visual.

⁴ “Agenda ONU 2030” é um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade, que busca fortalecer a paz universal. O plano indica 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, “[...] para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos.” Disponível em: <<http://www.agenda2030.org.br/sobre/>>. Acesso: 17 nov. 2019.

A primeira atividade, produzida em ambiente digital a partir do *Google Docs*, refere-se à análise linguístico-semiótica do fotojornalismo e de sua respectiva legenda. Assim que os alunos clicavam sobre o *link* no qual estava depositado o formulário com a atividade, havia um endereço eletrônico que os conduzia, primeiramente, à leitura de uma reportagem em outra aba do navegador. A reportagem, intitulada “Escola inclusiva ensina a respeitar a diversidade e a lidar com o diferente”, publicada no periódico “A Revista da Mulher”, apresenta a política de educação inclusiva sob um enfoque positivo, porém relata algumas críticas a esse modelo, entre elas a mais contundente ocorre por meio do fotojornalismo. Para evidenciar isso, após os exercícios iniciais que exploravam o contexto de produção e circulação da reportagem, realizamos a transposição da categoria analítica “processos narrativos”, concernente à metafunção representacional apontada pela GDV, e utilizamos os vetores (setas) para auxiliar os alunos na reconstrução mental da vivência apresentada. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), existem estruturas imagéticas que possibilitam essa representação por parte do produtor. Entretanto, elas demandam do leitor a capacidade de (re)construir os sentidos. Além disso, abordamos a metafunção “valor da informação” para evidenciar que a informação nova, em geral a mais importante, é representada do lado direito, como mostrado no exercício a seguir.

Figura 1 - Exercício 6 (módulo I)

RELEIA A FOTOGRAFIA



Escola inclusiva ajuda a criar uma sociedade mais justa.

Fonte: A Revista da Mulher (2016)

Considerando que:

- os quadrados sinalizam os “atores” representados e
- as setas indicam a direção do olhar.

8. Considerando a finalidade da reportagem lida, o elemento mais importante do fotojornalismo está sendo representado

☐ do lado direito.

☐ do lado esquerdo.

9. Durante a atividade, os alunos representados à esquerda, no fotojornalismo, estão interagindo *

☐ com todos os alunos da classe.

☐ apenas entre eles.

☐ não interagem com ninguém.

10. Nessa imagem, o aluno cadeirante é representado interagindo com *

☐ todos os alunos da classe.

☐ alguns alunos da classe.

☐ a professora, somente.

☐ nenhuma pessoa..

Fonte: A Revista da Mulher (2016)

Conforme se pode confirmar no exercício apresentado, o enunciado convidava o aluno a reler o fotojornalismo apresentado, apontando que as imagens são passíveis de leitura. Em seguida, a utilização de vetores para indicar a direção dos olhares dos participantes representados pôde colaborar para que os estudantes reconstruíssem os sentidos, haja vista que o exercício buscou evidenciar a ausência de interação entre os alunos com deficiência e os demais, embora estivessem no mesmo espaço físico. Nesse caso, a aplicação dos conceitos da metafunção representacional da GDV possibilitou conferir significância ao fotojornalismo e, a partir desse ponto, correlacioná-lo aos sentidos produzidos pela leitura do texto verbal, com vistas a alcançar a compreensão global do texto. Contudo, Dias (2018, p. 21) nos lembra que a “significação nunca é algo pronto, definitivo [...] o homem precisa significar o tempo todo”. Assim, essa atividade foi complementada no intuito de verificar a compreensão da leitura do texto multimodal como um todo, e não apenas do fotojornalismo.

Figura 2 - exercício 8 (módulo I)

11. Baseando-se no fotojornalismo e na legenda, apresentados na reportagem lida, analise cada uma das afirmações apresentadas abaixo.

I	A posição e a direção do olhar dos participantes na fotografia fornecem indícios de que há um problema relacionado à interação dos alunos em sala de aula.
II	As cores claras utilizadas na fotografia colaboram para a formação de sentidos e são indicativas de que, embora sejam apontados problemas, a abordagem do assunto “escola inclusiva” ainda é positiva.
III	A expressão “ajuda a criar”, usada pela jornalista na legenda, poderia ter sido substituída pela forma verbal “cria”, sem prejuízo de sentido.
IV	A legenda e a fotografia fornecem, cada qual a seu modo, informações diferentes, mas complementares acerca da escola inclusiva.

Está correto o que se afirma em

☐ I e III
 ☐ II, III
 ☐ I, II e IV
 ☐ II, III e IV

Fonte: própria autoria.

A questão acima objetivou verificar se o que foi feito no exercício imediatamente anterior foi internalizado, assim como se houve compreensão do uso do modalizador discursivo na construção da legenda que acompanha a fotografia. Após a aplicação da atividade, constatou-se que 92% dos alunos acertaram a questão, evidenciando que a didatização das categorias analíticas da GDV – principalmente a utilização de vetores para indicar a direção do olhar e reconstruir os processos narrativos – atendeu ao propósito de ajudá-los a ler o fotojornalismo. Nas atividades diagnósticas realizadas antes do desenvolvimento do PDG, reportagens similares foram apresentadas aos alunos, porém o índice de acerto nas questões que envolviam imagens não excedeu 40%. Depreende-se, portanto, que o exercício contribuiu para o desenvolvimento da compreensão de que as fotografias jornalísticas são portadoras de subjetividades, ideologias e posicionamentos.

A segunda atividade foi desenvolvida na oficina destinada ao estudo da infraestrutura composicional das reportagens e explorou a análise do fotojornalismo que foi apresentado na reportagem “STF decide que escola pública pode promover crença específica em aula de religião”, publicada no portal “El País”. Fundamentada nos conceitos da metafunção composicional, a questão elaborada objetivou relacionar os elementos icônicos às suas representações sociais, evidenciando, sobretudo, os efeitos de sentido criados a partir da produção da saliência (planos fotográficos).

Figura 3 - exercício 8 (módulo II)

8. Leia novamente a primeira das fotografias jornalísticas apresentadas na reportagem.



Fonte: El País. (2017)

Responda:

- Que duas imagens icônicas aparecem nessa fotografia?
- No contexto dessa reportagem, a que elas remetem?
- Note que, se o fotógrafo se posicionasse 90° à direita, não haveria a produção de uma fotografia na qual uma imagem é apresentada à frente de outra. Porém, ao escolher captar a imagem desse modo, que efeitos de sentido ele criou?

Fonte: El País (2017)

O “significado cultural” comum entre o produtor e o seu provável leitor, descrito por Maroun (2007, p. 91), traduz-se no fotojornalismo através do uso de imagens icônicas. Nessa perspectiva, o “crucifixo dependurado na parede” (que nos remete à religião), por exemplo, é representado num plano superior e imediatamente à frente da lousa (que nos remete ao ensino escolar). Esse recurso propiciou a criação de saliências, conforme descreve a GDV.


Nas atividades diagnósticas realizadas antes do desenvolvimento do PDG, reportagens similares foram apresentadas aos alunos, porém cerca de 60% deles disseram que a produção de planos fotográficos pouco ou nada afetava na construção de sentidos que pode ser obtida por meio da leitura da imagem. Entretanto, após a realização dessa atividade, a percepção de que as fotografias jornalísticas não são meras representações da realidade, mas portadoras de subjetividades, foi sobremaneira aumentada.

Ao final de cada oficina, o espaço para o debate era aberto. Em uma roda de conversa, os alunos eram instigados a correlacionar os temas abordados nas reportagens com as situações cotidianas do ambiente escolar, caracterizado pelo medo e insegurança provenientes de constantes flagrantes de desrespeito à diversidade que atentam contra os direitos fundamentais apontados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948). As fotografias jornalísticas foram valiosas também nesses momentos, na medida em que, a seu modo, incitavam a reflexão sobre as temáticas abordadas de um modo peculiar e único, caracterizado pelo desafio de levar o leitor a reconstruir sentidos mais aprofundados que vão além da obviedade daquilo que se apresenta em sua superfície.

A terceira atividade, referente à reportagem “Alunos acima do peso são mais vítimas de *bullying* na escola”, publicada no *site* “O Globo”, foi produzida e transposta para o formulário *Google Docs*, de modo que os alunos puderam realizá-la através de seus aparelhos celulares e dos computadores da Sala de Informática. O formulário contemplava, logo em sua abertura, o endereço eletrônico (*link*) no qual a reportagem estava depositada. Após a leitura, os alunos retornavam ao formulário e respondiam a variadas questões que destacavam as inter-relações dialógicas que a leitura multimodal possibilita, como se pode ver na atividade a seguir.

Figura 4 - exercícios 1 e 2 (módulo III)

1. Quais atividades, uma delas representada na fotografia jornalística, o adolescente citado na reportagem pratica como forma de superar os traumas sofridos na escola?



☐ tênis
☐ futebol
☐ teatro
☐ kickboxing

Fonte: O Globo (2015).

2. Releia o trecho abaixo e, em seguida, responda: que forma verbal utilizada ocorre com muita frequência no âmbito do esporte retratado na fotografia jornalista?

- Eu sofria muito com isso, não levava na boa - lembra Claudio, que, hoje, com 17 anos, fala abertamente sobre o assunto por acreditar no diálogo como a melhor forma de combater o bullying. - Eu ia para o colégio já querendo voltar. E isso atrapalhou meu desempenho, tive que ter ajuda de aulas extras para passar de ano.

Sua resposta

Fonte: O Globo (2018)

Essa atividade objetivava explorar as inter-relações discursivas existentes entre a fotografia e o conteúdo verbal, a fim de possibilitar aos alunos a compreensão do modo como o fotojornalista explorou a imagem do jovem praticando o *kickboxing* para construir uma representação metafórica relacionada ao combate ao *bullying*. Como afirmam Araújo e Gualberto (2018, p. 48), “para a SS, cada modo possui potenciais e limitações”. Nesse contexto, o potencial da imagem para produzir uma metáfora foi explorado. Em seguida, como forma de conduzir o leitor a relacionar os sentidos produzidos pelas diferentes modalidades lidas, foi elaborada a seguinte atividade:

Figura 5 - exercício 3 (módulo III)

3) O fotojornalismo apresentado é uma construção metafórica do que foi apresentado verbalmente na reportagem, ou seja, é necessário

☐ saber lidar com a vida: ora escondendo, ora enfrentando.
☐ fingir que não está se importando com a situação e fazer esportes.
☐ esconder-se de situações e/ou pessoas que nos afrontam no dia a dia.
☐ combater o bullying, assim como no kickboxing se enfrenta um oponente.

Fonte: própria autoria.

A atividade exigia a habilidade de fazer inferência sobre a expressão “construção metafórica” antes mesmo de relacionar os sentidos produzidos nas diferentes linguagens. Essa inferência foi facilitada pela presença do fotojornalismo, pois 92% dos alunos assinalaram a opção correta: a última alternativa. Após a atividade, destacamos que o fotojornalista constrói a imagem não para ser a representação de uma realidade, mas para transmitir o que deseja. O leitor, por sua vez, precisa ser ensinado a fazer a leitura desse signo, sob pena de perder informações valiosas codificadas que não pôde assimilar.

Após a aplicação de aproximadamente 80% das atividades previstas para o projeto, foi possível constatar que os estudantes começaram a perceber que o fotojornalismo não se limita à condição de mera ilustração ou registro da realidade, mas uma prática de linguagem, sujeita às subjetividades e à manifestação de posicionamentos. Esse é o primeiro passo rumo ao tão necessário letramento visual. Outras oficinas do PDG ainda serão aplicadas, entretanto, o engajamento dos alunos e o alto índice de acertos nas questões propostas – principalmente quando comparadas com as atividades diagnósticas realizadas antes da implementação do projeto – revelam que a opção pelo ensino em uma perspectiva multimodal foi acertada.

Considerações finais

Em fase final de aplicação, as ações empreendidas na pesquisa interventiva aqui relatadas apresentaram resultados que apontam para o fato de que é possível reverter uma situação no ambiente escolar, *a priori*, paradoxal: as atividades relacionadas à leitura são desenvolvidas, mas nem sempre se observam resultados satisfatórios nas avaliações formativas e sistêmicas de verificação da compreensão textual. Nesse contexto, constatou-se que é imperativo trabalhar com práticas de ensino de leitura que contribuam para a ampliação de multiletramentos (visual, digital, verbal, cultural), sem os quais a compreensão das múltiplas linguagens presentes nos textos jornalísticos, como a reportagem multissemiótica, fica comprometida.

Além disso, é fundamental que o ensino de Língua Portuguesa esteja atrelado ao papel da escola em “Educar para a vida”, colocando o aluno em contato com textos autênticos que estimulem a criticidade para entender o que acontece à sua volta, transformar o espaço que lhe circunda e subsidiar a sua formação como cidadão. Nessa perspectiva, o ensino de leitura do fotojornalismo presente nas reportagens colaborou para a ampliação da percepção de como esse produto jornalístico/midiático atua sobre a sociedade, trazendo posicionamentos em meio a informações, formando opiniões e legitimando comportamentos através da linguagem visual.

Ante o exposto, conclui-se que desenvolver o PDG direcionado ao ensino do gênero textual reportagem, sobre a temática “Respeito à diversidade” e com o objetivo de destacar o papel fundamental desempenhado pelo jornalismo, possibilitou aos alunos a melhoria da compreensão leitora, haja vista que propiciou o desenvolvimento de habilidades que lhes darão condições de inferir e levantar hipóteses sobre possíveis intencionalidades e subjetividades manifestadas em diferentes semioses nas reportagens multissemióticas. Tais preocupações alinham-se tanto com os objetivos curriculares da disciplina Língua Portuguesa quanto com o modelo de “educação integral, voltada ao acolhimento [...] pleno de todos os estudantes, com respeito às diferenças e enfrentamento à discriminação e ao preconceito” (BRASIL, 2017, p. 5).

Referências

ARAÚJO, S; GUALBERTO, C. Leitura na Base Nacional Comum Curricular: qual é a base? Discussões sobre alfabetização, texto e multimodalidade. In: GUALBERTO, C. PIMENTA, S., SANTOS, Z. (Orgs.) **Multimodalidade e ensino: múltiplas perspectivas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1963] 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. de Maria E. G. G. Pereira, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 1997.

BARCELOS, J. **Imagem e produção de sentido sobre favelas cariocas em fotos jornalísticas**. Tese (Doutorado em Linguística) – Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, 2016.

BRASIL [BNCC (2017)]. **Base Nacional Curricular Comum: Ensino Fundamental**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 22 out. 2018.

CARDOSO, A. **A escola inclusiva ensina a respeitar diversidade e lidar com o diferente**. A revista da mulher, Paris, jan. 2016. Seção Família. Disponível em: <https://www.arevistadamulher.com.br/faq/23174-a-escola-inclusiva-ensina-a-respeitar-diversidade-e-lidar-com-o-diferente>. Acesso em: 17 ago. 2019.

DIAS, F. **Enunciação e relações linguísticas**. Campinas. Pontes Editores, 2018.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.) **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FARIA, O. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

GOMES, L. **Interdiscursividade e multimodalidade na construção do sentido textual: o ensino do gênero Mangá nas aulas de Língua Portuguesa**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2016.

GUIMARÃES, A.; KERSCH, D. (Orgs.). **Caminhos da construção: reflexões sobre projetos didáticos de gênero**. Campinas: Mercado das Letras, 2015.

HODGE, R.; KRESS, G. **Social Semiotics**. Cambridge: Polity Press, 1988.

KLEIMAN, A. O processo de aculturação pela escrita: ensino de forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, A.; SIGNORINI, I. (Org.). **O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KRESS, G.; LEEUWEN, T. **Reading Images: the grammar of visual design**. London & New York: Routledge, [1996] 2006.

MARTÍN, M. **STF decide que escola pública pode promover crença específica em aula de religião**. El País, Madrid, set. 2017. Seção Internacional. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/31/politica/1504132332_350482.html. Acesso em: 17 ago. 2019.

MAROUN, C. A multimodalidade textual no livro didático de Português. In.: VIEIRA, J. et. al. (2007). **Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal**. Petrópolis: Vozes, 2007.

ONU. [DUDH (1948)]. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Assembleia Geral da ONU, Paris [1948]. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2019.

PEREIRA, A. **Multimodalidade e construção de sentidos**: análise da seção de gramática do livro didático de Língua Espanhola. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado Prof.^a Maria Elisa de A. Maia. 2017.

RIBEIRO, A. **Textos multimodais: Leitura e Produção**. São Paulo: Parábola, 2016.

ROJO, R.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTOS, Z. **A concepção de texto e discurso para semiótica social e o desdobramento de uma leitura Multimodal**. Revista Gatilho (PPGL/ UFJF), v. 13, p. 1-13, 2011.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 2009.

VIEIRA, J. Novas perspectivas para o texto: uma visão multissemiótica. In.: VIEIRA, J. et. al. (2007). **Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal**. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIEIRA, L.; COHEN; M. **Alunos acima do peso são mais vítimas de bullying na escola**. O Globo, Rio de Janeiro, mai. 2015. Seção Educação. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/alunos-acima-do-peso-sao-mais-vitimas-de-bullying-na-escola-12375170>. Acesso em: 18 ago. 2018.